

Rei aos três anos de idade. Desaparecido em batalha aos 24. Há quem acredite que ele irá voltar

O DESEJADO

A fascinante história de Dom Sebastião

Romance
Histórico

NOVA
EDIÇÃO
Revista
pelo autor



AYDANO RORIZ



O DESEJADO

Romance Histórico

Copyright © Aydano Roriz, 2002, 2015

TODOS OS DIREITOS NO BRASIL RESERVADOS À

Editora Europa

Rua MMDC, 121
São Paulo, SP



Diretor Executivo	Luiz Siqueira
Diretor Editorial – Livros	Mário Fittipaldi
Revisão de Texto	Patrícia Zagni
Capa e Edição de Arte	Jeff Silva
Imagem da Capa	Retrato de Dom Sebastião, obra de Alonso Sánchez Coello, 1562, com intervenção artística de Jeff Silva.
Imagem da Contracapa	Retrato de Dom Sebastião por Cristóvão de Moraes, 1571-1574
Mapas	Jeff Silva

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Daniela Momozaki - CRB 8/7714)

Roriz, Aydano

O desejado : a fascinante história de Dom Sebastião / Aydano Roriz -- São Paulo:
Editora Europa, 2015

ISBN 978-85-7960-284-9

1. Literatura brasileira – Romance 2. História do Brasil
I. Título II. Roriz, Aydano

CDD B869.09

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Romance : B 869.09

Atendimento ao Leitor	Fabiana Lopes – fabiana@europamet.com.br
Circulação	Ézio Vicente – ezio@europamet.com.br
Promoção	Aida Lima – aida@europamet.com.br

Este título também está disponível na versão de livro eletrônico.

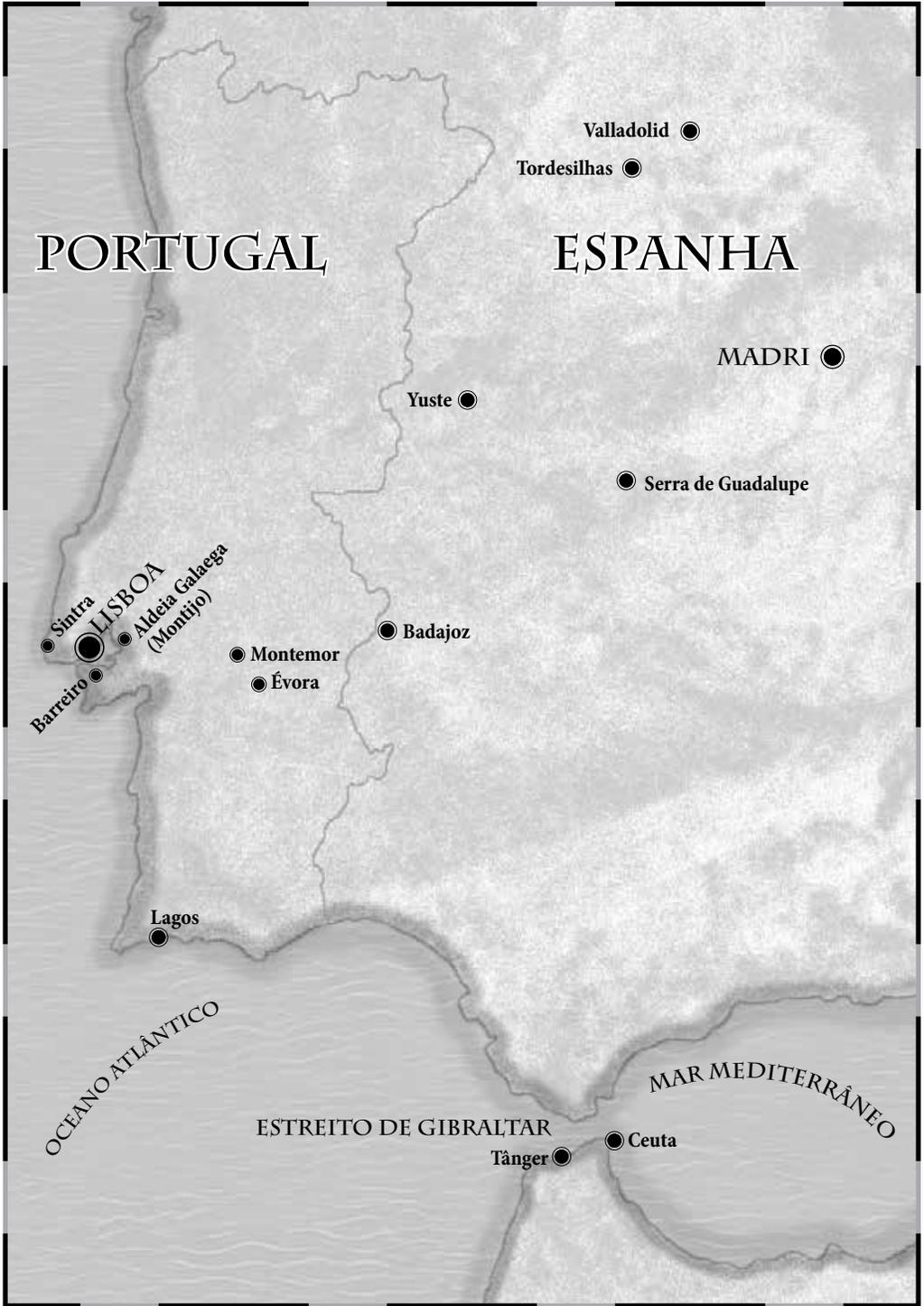
AYDANO RORIZ

O DESEJADO

Romance Histórico

Rei aos três anos de idade, desaparecido aos 24
em batalha contra os muçulmanos do Marrocos,
Dom Sebastião mudou a História de Portugal. Transformado
em mito, séculos depois ainda vive no imaginário popular





O GRANDE PALCO



O TEATRO DA GUERRA



Sumário

Prólogo.....	9
Ano da graça de 1554.....	11
Adolescência interrompida	15
Uma noiva para Portugal.....	21
A espada e a bainha.....	27
Esperanças em barriga estrangeira.....	33
Atendei-nos, Senhor!	35
Incesto real	41
Quebra-cabeça matrimonial	47
Amigos? Fazem-se bem poucos	51
O preço da realeza	55
Tempos mornos	59
Amato Lusitano	67
Juramento de Hipócrates.....	71
Inacreditável.....	79
Armadilhas de satanáas	87
Jamais saberão.....	97
A salvação está nos Andes.....	101
Descalças Reais	105
Aniversário d’El-rei.....	109
Juana, a Louca	113
Testamento do Piedoso.....	123
Rei de três anos no trono.....	129
Banho, só na Páscoa e no Natal	137
O fundo do poço é mais embaixo	141
Carlos Quinto no mosteiro	145
As cinco quinas do Brasão de Armas	155
Era dos descobrimentos.....	163
Rei envenenado.....	173
O galgo espanhol	181
Mulheres são como serpentes.....	187

Vasco da Gama na Índia.....	193
Os grão-senhores exigem ser ouvidos	199
As Cortes de Lisboa.....	205
Uma princesa de França para o reizito	211
A qualquer preço	215
Numa taverna de Paris.....	221
O preço da indecisão.....	225
Um casamento arruinado.....	233
Outra noiva para o reizinho.....	237
Hora de governar.....	241
Governo novo, vida nova	245
Até o Papa pede ajuda ao jovem rei	251
Lisboa, cidade fantasma.....	257
Camões em Sintra	261
Abuso de autoridade	265
Auto de fé de 1572.....	271
Giro no estrangeiro	279
Martirizando a carne.....	283
Expedição às pressas	287
O velho sonho.....	293
Coitado do <i>Bastardo!</i>	301
Sutilezas diplomáticas.....	307
Cento e trinta léguas	311
Primeiro encontro	317
Feliz ano-novo	323
O presente caído do céu.....	329
A gula do Tesouro	337
Cometa nos céus portugueses.....	341
O grande dia.....	349
Velho agourento.....	353
O elmo de Carlos Quinto	361
Reputação se constrói com vitórias.....	367
Herança romana	371
O dia decretado pela Eterna Providência.....	379
A Batalha dos Três Reis	383
Dom Sebastião voltará	389
Epílogo	391
Bibliografia	393
Ilustração: Terreiro do Paço	397
Ilustração: Conceção artística da Batalha de Alcácer-Quibir	398



Prólogo

O zum-zum-zum começou na *Ribeira das Naus*, espalhou-se pela *Baixa* e foi subindo as cinco colinas. Não demorou muito e nas vinte mil casas de Lisboa todos já sabiam. De tão estapafúrdio, o boato cheirava a perfídia. Injúria dos judeus – diziam. Felizmente para os *marranos*¹ lisboetas, não houve tempo para retaliações daquela vez. Novos indícios surgiram rapidamente e a desgraça se confirmou.

- Foi a 4 de agosto. Perto de Alcácer-Quibir – garantia um.
- Uma batalha de três reis – asseverava outro.

Ao galope dos cavalos, de boca em boca, da cidade para a vila, da vila para a aldeia, da aldeia para o campo, a notícia foi se espalhando, originando reações de perplexidade, consternação, histerismo. Quase todos ali tinham um pai, um marido, um filho, um irmão, um parente, entre os vinte e cinco mil homens alistados na Cruzada de Dom Sebastião que fora combater os *inféis* no Marrocos. E ao que se dizia agora, os portugueses haviam sofrido uma derrota fragorosa. Poucos teriam logrado escapar. Pelo menos oito mil homens haviam tombado no cam-

1. Designação injuriosa que se dava em Portugal a pessoas de origem judaica ou moura.

po de batalha. Quanto aos demais, os mouros tinham rendido e posto em cativeiro.

Pior: ninguém sabia o paradeiro do rei. Não constava que houvesse sucumbido na peleja ou sido pego como refém de Miley Maluco, o rei inimigo. Dom Sebastião simplesmente deixara de ser visto. Sumira.

Logo ele, o *Novo Temor*, de quem Camões dizia que os inimigos se ofereciam em sacrifício, para não sofrerem à sua mercê. O *Sublime Rei*, que o povo idolatrava e acreditava ter poderes quase divinos, desaparecera. Evaporara sem deixar vestígio.

Não, Dom Sebastião não poderia ter morrido. Decerto, acontecera ao *Messias do Reino* o mesmo que a Nosso Senhor Jesus Cristo. Ocultara-se por uns tempos para, um belo dia, ressurgir das brumas do *Mar Oceano* e voltar a sentar-se no trono que lhe fora designado por Deus.

Ninguém nunca foi tão *desejado* quanto ele.



Ano da graça de 1554

Lisboa, vinte e quatro anos antes

A chegada do Ano-Novo foi pouco comemorada daquela vez. Desde o Natal não se via a luz do sol. Do Rio Minho ao Algarve, de Miranda do Douro ao Cabo da Roca, um espesso manto de nuvens escuras estacionara sobre Portugal. Aquele ano nem era bissexto, mas os presságios não sugeriam bons augúrios.

Com efeito. A 2 de janeiro morreu Dom João Manuel, o último dos oito filhos legítimos do rei. Morreu jovem: dezesseis anos e sete meses, menos um dia. Morreu de morte sofrida: de uma moléstia invulgar, que mantinha Sua Alteza permanentemente *fraquito* e com uma insaciável sede¹.

– Não contem nada a Dona Juana – decretou o pai, voz embargada, procurando manter o autocontrole que se esperava de um rei.

– Coitadinha! Tem perguntado tanto dele – sussurrou o camareiro-mor, olhos inchados pelo choro e as muitas horas de vigília.

– Não importa. Minha nora não pode *ficar de nojo*. Perdi meu filho. O meu neto precisa nascer. – E colocando ternamente

1. Provavelmente, o diabetes melito.

a mão no ombro da esposa: – Ouviste cá o que eu disse, ó *Catalina*, minha querida?

Debruçada sobre o filho-defunto, Dona Catarina de Áustria, a rainha de Portugal, deu dois tapinhas cúmplices na mão do marido e fez que sim com a cabeça. Estava com quarenta e sete anos e sentia-se velha. Impotente. De coração partido. No íntimo, travava uma luta desesperada para controlar o sentimento de revolta que sentia. Não conseguia aceitar. Não entendia os desígnios da Providência. Onde afinal pecara para merecer aquilo? Fora sempre tão devota... Tinha uma estirpe tão nobre... Era neta de Fernando e Isabel, os *Reis Católicos*, e de Maximiliano de Áustria, senhor do Sacroimpério Romano-Germânico. É certo que filha da *Louca*². Mesmo assim, um irmão era imperador, o outro era rei, e as três irmãs eram rainhas. Não, nobreza não lhe faltava. Fecundidade, também não. Nos vinte e nove anos de casada, Deus lhe dera oito filhos. Oito alegrias ao descobrir-se grávida. Oito renovações de esperanças para os súditos. Oito gestações cercadas dos maiores cuidados. Oito partos arriscados e doloridos. Oito! E um após o outro, todos os oito filhos haviam morrido.

Resignação e lágrimas houvesse, para tanto sofrimento.

– Não contem a Dona Juana – repetiu a meia voz El-rei, para continuar em tom autoritário: – Alcáçova...

Pedro de Alcáçova, secretário-geral do Reino, aproximou-se do senhor.

2. Joana de Castela, filha dos *Reis Católicos*, que após a morte do marido fora tida por louca e recolhida a um castelo na vila de Tordesilhas.

– Mandé que não toquem os sinos das igrejas, nem ponham luto cá no Paço da Ribeira. Dona Juana não pode desconfiar do que aconteceu – e como a esposa houvesse repetido as tapinhas em sua mão: – E agora saiam. Saiam todos. Deixem-me com o meu filho.

Como pai, aquele homem gorducho, meio calvo, de olhos empapuçados e barba de monge, sentia um peso incômodo no peito; um bolo preso na garganta ameaçando transformar-se em pranto. Como rei, Dom João Terceiro, o décimo quinto rei de Portugal, lutava contra um pensamento dominante. Contava cinquenta e dois anos e não tinha mais herdeiros diretos. Os oito filhos que tivera com Dona Catarina, e mesmo os outros dois bastardos, haviam morrido. O último herdeiro estava ali, mãos cruzadas sobre o peito, frio e inerte, e ainda mais pálido que de costume. Dos dez filhos que trouxera ao mundo, só lhe restava um genro, um neto e uma nora grávida. Desgraçadamente, todos nascidos em Espanha. A única esperança de dar continuidade à dinastia de Avis, que reinava sobre Portugal fazia quase cento e setenta anos, a única chance de ter um herdeiro genuíno para a sua coroa, estava depositada no ventre de Dona Juana, a jovem princesa-viúva.



Adolescência interrompida

Pobre princesa. Desde que se entendia por gente haviam lhe dito que iria se casar com o príncipe João Manuel.

– Um dia ele vai ser rei de Portugal... E Vossa *Altezita*, rainha – brincava com ela Dona Leonor de Mascarenhas, a quem estava aos cuidados, desde a morte da mãe.

– E por que eu não posso ser rainha aqui mesmo? Portugal é muito longe...

– É longe, mas vale a pena, *Altezita*. É como a gente de lá diz: “Quem não viu Lisboa, não viu coisa boa”. E, de mais a mais, aqui tu não podes ser rainha, minha pequena. Se o senhor teu pai não voltar a se casar, a rainha de Castela será a mulher do teu irmão Felipe. Tu serás rainha é da boa gente portuguesa.

O casamento havia sido contratado muitos anos antes. Casamento duplo, entre a filha e o filho dos reis de Portugal, com o filho e a filha dos reis de Espanha. Primeiro, casaram o irmão dela, Felipe, com a infanta portuguesa Maria Manuela. E Manuela veio para Castela conhecer o marido. Na ocasião Juana contava somente oito anos, mas lembrava-se muito bem. A cerimônia acontecera em Salamanca, e ela não simpatizara com a cunhada. Manuela era feiosa e dada a pouquíssima conversação. Vivia

pelos cantos chorando, dizendo-se saudosa da família. Fez pouca falta quando morreu de parto, deixando um filho para o marido. Uma criança adorável, batizada como Carlos, em homenagem ao avô paterno, o imperador Carlos Quinto.

– Oh! Não ralhem assim com ele. Sejam gentis com *Carlito* – gracejava ela agora, com as aias do sobrinho. – Um dia ele irá ser rei.

– Vossa Alteza será rainha antes, Dona Juana. E quem sabe não vai casar sua filha, cá com o nosso *reizito*...

– Nosso Senhor Deus me livre – zombava. – Só quero ter filhos homens. Mulher sofre demais neste mundo. Só servem mesmo para parir.

O casamento de Juana estava sendo atrasado, enquanto aguardavam que seu futuro marido crescesse. E o príncipe português tinha saúde delicada. Só desmamara aos três anos, custara muito a falar e, durante toda a infância, fora dado a febres e achaques recorrentes. Apenas quando completou catorze anos, julgaram estar suficientemente robusto para encarar os deveres do casamento.



Num fim de tarde, o irmão Felipe veio ter com Juana num dos mirantes do parque do *Alcázar* de Toledo, o castelo onde costumavam passar o verão.

– Estou partindo para a Inglaterra, *Hermana* – comunicou Felipe, com ar travesso, afastando com um gesto de mão as damas de companhia da irmã, e refestelando-se, ao lado dela, no banco com vista para o rio.

– Inglaterra? Tu estás a te parecer com o nosso pai, Felipe. Só andas viajando!

– Vou combinar meu casamento.

– Casar-te, tu? De novo! – e na sua cabecinha de menina-moça, Juana já imaginava para o irmão uma princesa jovem, loura e bela, como ela própria. – Vais casar com quem, ó Felipe?

– Com a filha do finado Henrique Oitavo da Inglaterra.

– Estás a gracejar comigo. Vais casar-te com a filha daquele homem horrível que matava as esposas?!...

– Tolices, *Hermana*. Henrique teve apenas seis esposas. Das seis, só mandou decapitar duas – ironizou Felipe. – Um bom marido...

– *Muy gracioso!* – zombou. – E que filha dele é essa, com quem tu vais se casar?

– É da primeira mulher. Uma tal de Mary Tudor.

– Outra Maria... E essa ao menos é bonita, Felipe? Vê lá que não seja chorona e *gordita* como a Maria Manuela, hem!

– Bonita? Hum! Nosso pai mandou-me um retrato dela, pintado por aquele Antonio Moro. Mostro a ti depois – e em tom debochado: – A mulher é um dragão, *Hermana!* O dragão de São Jorge, padroeiro da Inglaterra. Tem quase idade para ser minha mãe. Doze anos mais velha do que eu. Acreditas?

Juana tomou a mão do irmão e levou-a aos lábios, penalizada. Sempre gostara de Felipe. Muito mais dele que da irmã Maria. Quando a mãe morreu, Juana contava quatro anos e Maria, onze. Maria já se considerava moça e nunca quisera muita aproximação com a *Niña*. Já Felipe, mesmo sendo homem e contando doze anos, mesmo já havendo sido sagrado duque de Milão, era muito mais afetivo e sempre a procurava na ala infantil.

– Pobrezinho... Nosso pai é cruel contigo, Felipe. Só te arranja esposas feias...

– Ah! Não me importo. Sei cá me defender.

– Tu... Tu és é um... um depravado, isso sim – ralhou em tom de gracejo. – Pensas que eu não sei?

Felipe sorriu e cofiou o ralo cavanhaque louro que lhe caía tão bem. Estava com vinte e cinco anos, viúvo há seis, e era considerado um dos príncipes mais bonitos da cristandade. Tinha muitas amantes naquela e em outras cortes, algumas com pretensão de vir a se tornar a sua escolhida. Entretanto, sempre dera um jeito de escapar a compromissos. Considerava mais proveitoso não se fixar em ninguém. Até porque, onde quer que fosse, as mulheres se alvoroçavam por ele, abrindo-lhe novas possibilidades de se divertir com a parte no jogo do amor que mais apreciava: a conquista.

– Diz cá para mim, ó Felipe – insistiu a irmã, em tom de brincadeira, mas ardendo de curiosidade por tudo que envolvesse sexo e luxúria –, quantas amantes tu já tiveste?

– Tolices, *Hermana* – desconversou sorrindo. – Sou Duque de Milão, regente do reino de Espanha e das Índias Ocidentais¹, vou casar-me com a rainha da Inglaterra... tenho lá tempo para namoricos!

– Ah, Felipe... Conta, vai. É verdade que tens muitos filhos bastardos?

– Intrigas da corte, *Hermana*. Intrigas. O importante é que cumpro a minha parte nos tratados do velho Carlos – e beijando-a no rosto e fazendo trejeitos de fantasma: – *El Viejo Carlos. Uh, uh, uh, uh, uh!*

Sorriram com gosto. Juana adorava quando o irmão referia-se ao pai como a *El hombre del saco*². Era uma brincadeira

1. O Novo Mundo: a América Espanhola.

2. Personagem do folclore infantil hispânico, considerado assustador.

que Felipe fazia desde quando ela era criança. Sempre que lhe diziam que Juana não queria estudar latim, rebelava-se na hora de dormir ou não deixava as aias desembaraçar-lhes os longos cabelos cacheados, ele a ameaçava com a figura paterna, travestida de bicho-papão.

O sol poente tingia de vermelho as azinheiras à margem do Rio Tejo, que corria plácido abaixo do castelo de Toledo, no seu longo caminho até a foz, em Lisboa. O sorriso do príncipe regente lentamente foi se apagando. O rosto assumindo aos poucos uma expressão sisuda. Endireitou-se no assento.

– Tem outra coisa, *Hermana* – falou em tom grave. – Maria casou-se faz quatro anos e parece viver feliz com o Maximiliano. Eu já me casei e vou casar-me novamente. É bom tu ires te preparando. Chegou a tua vez.

– Não... Por favor, Felipe...

– Ainda hoje recebi em audiência aquele Távora. Lourenço Pires de Távora, o embaixador português. Estão pressionando. Teu marido luso anseia por ti.

Juana sentiu um aperto no peito. Na beleza e graça dos seus dezesseis anos, leitora entusiasta de *Amadis de Gaula* e outros romances de cavalaria, gostava de imaginar-se sendo raptada por um formoso e valente príncipe, que por ela moveria céus e terras e se bateria em justas e torneios.



Uma noiva para Portugal

Alegando problemas com o enxoval, atrasou o quanto pôde a partida. Mesmo assim, a 27 de outubro de 1552, Juana de Habsburgo, mais conhecida como Juana de Áustria, despediu-se chorosa de Dona Leonor, sua aia e mãe de criação, deixando para trás o palácio de Valladolid, capital do reino de Castela.

Acompanhada de garbosa escolta, mais um duque, um bispo, pelo embaixador espanhol em Portugal, por doze damas de companhia e muitas criadas, embarcou na carruagem que a levaria à Badajoz, na fronteira. Foram dezessete dias de viagem. Em todo o caso, por terras que ela considerava como da sua família e em meio à sua gente. Só tomou consciência efetiva da mudança de vida quando, às margens do Rio Guadiana, que divide Portugal e Espanha, a entregaram aos representantes de Dom João Terceiro.

Tentando parecer espirituoso, o Duque de Aveiro chegou às raias da grosseria. Algumas de suas primeiras palavras aludiam a que custaria muito caro para o povo português manter o enorme séquito da princesa. Já o bispo de Coimbra, com sua murça de pele de martas capeando o mantel de veludo carmim, carregava aquela empáfia travestida de humildade, típica dos al-

tos dignitários da Igreja – uma gente que ela aprendera a respeitar e temer. O único que despertou em Juana alguma simpatia foi Lourenço Pires de Távora, o galante embaixador português, que fora igualmente a receber na fronteira e, nas estações de posta, procurava entretê-la com anedotas e conversas amenas.

As estradas em Portugal eram ainda piores que as de Espanha. O coche, mais rangente e sacolejante. Às vezes, passava por cima de alguma coisa e dava estrepitosos saltos. Com as janelas abertas, entrava poeira e fazia frio. Com os vidros fechados, o ar ficava abafado e impregnado pelos odores que emanavam do duque ou do bispo. De nada haviam adiantado os argumentos em contrário. Os potentados insistiam em fazer companhia à princesa e se alternavam na carruagem real. Juana permanecia quase o tempo todo calada. Respondia por monossílabos ou, de olhos fechados, sonhava acordada, fingindo dormir.



Vinte e sete anos antes, a mãe dela fizera a viagem contrária. Fora de Lisboa a Sevilha para conhecer e casar-se com Carlos, o jovem rei de Espanha¹, que lutava para se impor como herdeiro do Sacroimpério Romano-Germânico². Ao que conta-

1. À época, a Espanha compreendia cinco reinos independentes, mas já reunidos na prática pelos *Reis Católicos* Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Os reinos de Aragão e Navarra, Carlos havia herdado do avô Fernando. De Castela, Leão e Galícia, era rei por herança da mãe, Joana, *a Louca*, filha de Isabel.

2. O Sacroimpério Romano-Germânico – que compreendia a Áustria, Hungria, Alemanha, Boêmia, Países Baixos, a Borgonha na atual França e boa parte da Itália – foi herdado por Carlos do avô paterno, Maximiliano de Habsburgo. Mas, por tradição, o título precisava ser confirmado por um colégio especial de sete eleitores não raramente corruptos: os arcebispos de Trêves, Mogúncia e Colônia; o rei da Boêmia, o Duque da Saxônia, o Conde Palatino e o Príncipe de Brandeburgo.

vam, Carlos atrasara-se e fizera a noiva esperar dez dias em Sevilha. Em compensação, tão logo se encontraram, pareciam ter sido flechados pelos deuses do amor. Transpiravam paixão por todos os poros. Faltaram até à missa comemorativa das bodas para que o matrimônio se consumasse mais cedo. A tórrida lua de mel durara vários meses e, mesmo com o passar dos anos, a paixão não arrefecera. “Amaram-se até a morte” – dissera-lhe a velha aia, Dona Leonor. E agora era ela, Juana, filha daqueles dois, quem vivia a aventura de se casar com um príncipe estrangeiro que não conhecia. Iria se apaixonar pelo marido e ser amada por ele?



Só no dia 5 de dezembro, depois de trinta e nove dias de viagem, chegaram finalmente a Barreiro, à margem esquerda do Tejo, quase em frente a Lisboa. Fariam o último trecho pelo *Mar de Palha*, a foz do rio. Para dar boas-vindas à princesa, Dom João Terceiro aguardava ali a comitiva. Simpatizou com ele. Bonachão, a despeito da aparência austera, El-rei era irmão da falecida imperatriz Isabel e tinha qualquer coisa da doçura que Juana lembrava da mãe.

À medida que a barcaça real se aproximava do porto, Juana pôde perceber que Lisboa era mesmo uma cidade grande, mas não tão bonita quanto sua fértil imaginação concebera. Delineara mentalmente uma cidade plana, de avenidas largas, ladeadas de palácios magníficos em meio a deslumbrantes jardins. E o que via era um amontoado de casas de dois, três, quatro pavimentos, penduradas morro acima, do meio das quais sobressaía a torre de uma ou outra igreja. Tudo devidamente cercado por

altas muralhas de pedra, como uma imensa ferradura, aberta para o rio.

– *Noble fortificación!* – elogiou a princesa, procurando ser gentil.

– O perímetro mede sete mil passos – explicou Dom João. – Para defendê-la, temos setenta e sete torres a intervalos regulares.

E sacudindo-se em sorrisos:

– Meu condestável³ diz que a sorte é serem nossas guerras no ultramar. Faz séculos que não sofremos assédio em Lisboa. Temos portas demais! Trinta e oito, ao todo. As *gentes* não sossegam no lugar. É um entra e sai dos diabos!

Na boca da ferradura, dominava a visão uma enorme praça, sem árvores ou coisa alguma, aberta para o rio e flanqueada por construções altas.

– Ali – apontou Dom João com o dedo indicador, sem disfarçar o orgulho. – Eis o nosso palácio. O povo chama de Paço da Ribeira, porque naquele terreiro grande, rio acima, fica a *Ribeira das Naus*, os estaleiros da nossa armada.

Encabeçado por um fortim de pedra de cantaria alva que parecia emergir do rio, o comprido edifício de três pavimentos, circundado por algumas ameias e com um torreão ao centro, pouco lembrava a imponência medieval dos castelos reais aos quais Juana estava acostumada. Em Lisboa, não era a casa d’El-

3. Chefe supremo do exército.

-rei que se situava a cavaleiro da cidade. Era o casario do povo que se sobrepunha ao palácio. Ao longe e ao alto, é verdade, dominando a cidade, podia-se ver o que pareciam ser os coruchéus azulados de um velho castelo.

– É o *Alcáçova*. O Castelo de São Jorge – comentou Dom João, percebendo a curiosidade da princesa. – Foi paço real por muito tempo, mas o senhor meu pai mandou construir esse outro, à beira-rio, para ficar mais perto das suas naus. Chegou a ter mais de duzentos navios, o meu pai, acredita?!

Juana sorriu cortesmente e voltou a fixar a vista no Paço da Ribeira. Não era um prédio feio. Mas era estranho. Observado de longe, assemelhava-se mais a um grande quartel ou talvez a um mercado. E de fato, conforme pôde sentir ao desembarcar no cais acostável, das proximidades da casa real emanava uma mistura de fortes odores.

– Sentiste? – questionou esboçando um sorriso El-rei, ao perceber que a princesa fungava discretamente. – É o cravo e a pimenta das Índias... O açúcar do Brasil... As peles trazidas de África... Guardamos tudo naqueles armazéns ali, as *Casas da Índia*. Mas venha, minha filha. Vamos subir. Vou mandar-te levar à tua câmara, para descansares um pouco antes do casamento.



A espada e a bainha

No corre-corre dos preparativos, não houve tempo para inquietar-se com preocupações. Era preciso tirar a poeira do corpo com uma toalha úmida, soltar e escovar os cabelos, e depois acompanhar a abertura das dezenas e dezenas de arcas, até encontrar a roupa mais adequada para a ocasião. A que Dona Leonor mandara confeccionar especialmente para a cerimônia, Juana experimentou, mirou-se no espelho de frente, de lado, e franziu o nariz. Era pomposa demais. Não se sentiu bem. Optou por uma outra, mais simples. Uma veste de veludo negro de mangas bufantes e gola alta, cinturada em vô por uma rica cadeia de ouro trazida por Francisco Pizarro do Peru. Os cabelos foram novamente presos em coque e, para enfeitá-los, escolheu uma coifa de ouro fiado, ornada por delicados diamantes.

Logo mais à noite mandaram buscá-la nos aposentos. E, no *Salão dos Embaixadores* do Paço da Ribeira, diante de uma impressionante tapeçaria flamenga representando a tomada das Índias pelos portugueses, conheceu então a sogra e o futuro esposo.

À aproximação de Dona Catarina sentiu receio. De pele descorada e feições um tanto grosseiras, a rainha era irmã do

pai de Juana e, como *El Viejo Carlos*, ostentava o lábio inferior proeminente, certo ar de soberba, a sisudez típica da mais poderosa família do mundo: os Habsburgo da Áustria.

Com o futuro marido... desapontou-se. Ela contava dezessete anos, ele quinze. Ela tinha o feitio de uma mulher, ele o de um menino. Ela era esguia, ele um palmo mais baixo e franzino. Nem de longe lembrava o príncipe encantado a quem fantasiara entregar-se em sonhos. De todo modo, horas depois, numa cerimônia sem maiores pompas na capela do palácio, foram casados pelo irmão d'El-rei, o cardeal-infante Dom Henrique.

Por um acordo tácito entre os dois, não consumaram o matrimônio. Tiveram tempo para se conhecer. *Fraquito*, anêmico, mas de aspecto risonho, o herdeiro de Portugal desperitava um pouco de pena e instintos maternais. De mais a mais, era dado às letras e isso acabou por aproximá-los. Mais ainda, o fato da corte e do povo de Lisboa não dar mostras de afeição pela recém-chegada princesa. *Juanito* dizia brincando que a culpa era dela. Que o caráter seco e altivo da filha de Carlos Quinto afastava as pessoas.

– Tu dás mostras de não gostar da senhora minha mãe, mas no fundo pareces-te cá um bocadinho com ela – gracejava. – O mesmo nariz empinado, que afasta toda gente.

– Danem-se! Casei-me contigo, não com eles. Detesto esses fingimentos.

Foram muito desagradáveis aqueles primeiros dias. Internamente, o Paço da Ribeira bem poderia ser considerado uma casa real rica e confortável. As paredes e soalhos eram recobertos de magníficas tapeçarias, as porcelanas e os repos-

teiros de damasco não deixavam dúvida de haverem sido trazidos do Oriente, e as baixelas de ouro e prata refulgiam em aparadores quase tão suntuosos quanto altares. Contudo, quando Juana acordava, já era pensando em ter de enfrentar os cumprimentos fingidos, os cochichos risonhos à sua passagem, os olhares de desdém.

A pequena corte paralela, que tentara formar com as camareiras e damas de companhia trazidas de Castela, não funcionava a contento. As criadas nunca conseguiam desembaraçar quase nada nas cozinhas, e as damas de companhia, moças jovens e inexperientes, logo se intimidaram com a anti-hospitalidade com que foram recebidas. Os homens as olhavam como a rameiras; e as mulheres, como a amantes potenciais dos seus homens. Na verdade, afora o marido, El-rei era a única pessoa na companhia de quem Juana se sentia confortável. E do tanto que o sogro perguntava se já havia herdeiro à vista, ela resolveu tomar providências.

Naquela noite, à hora da ceia, bebeu mais vinho que de costume. Bebeu, até sentir-se um pouquinho tonta. Quando se recolheu ao quarto, não fez como costumava fazer. Dispensou as camareiras, soltou os cabelos, desnudou-se em meio à alcova, e ficou a pentear-se em frente ao espelho, languidamente.

Escondido entre os lençóis, o marido menino a olhava de esguelha.

– Achas-me bonita, *Juanito*? – perguntou em tom sedutor, fazendo a mão passear pelas curvas das ancas alvas, que à luz das velas ganhava tons cor de marfim.

– Mu...mui... to – gaguejou o adolescente.

– Estás a mentir – voltou cheia de denguiques, exibindo a nudez. – Ai de mim. Sou feia. Muito feia.

E caminhando em direção ao marido menino, com os longos cabelos cacheados soltos sobre os seios:

– Se me achasses bonita, já terias feito a tua espada conhecer minha bainha.

O coração de *Juanito* disparou no peito. Havia tempos consumia-se em desejo, mas receava tomar a iniciativa e perder a amizade que a esposa começava a demonstrar ter por ele. Sempre haviam lhe dito que aquelas coisas eram feias, sujas, e que, por conta daquele terrível pecado, Adão e Eva haviam sido expulsos do Paraíso. Não pecar contra a castidade não era um dos Dez Mandamentos da Lei de Deus? Então... Difícil entender. Como um pecado tão grave poderia deixar de ser pecado, pelo simples fato do tio Henrique, numa cerimônia tão sem atavios, ter proferido algumas frases em latim?

– Vamos... Mostra-me a tua espada, *Juanito* – falou Juana, meio bêbada, achegando-se e levantando a ponta das cobertas para deitar-se ao lado do marido.

João Manuel sentiu um calor subir-lhe ao rosto. Corou de vergonha. Pouco abaixo da cintura, o camisolão que vestia projetava-se para cima, como a miniatura de uma daquelas tendas que se armavam no prado em dias de torneio.

– Hum! Está cá a me parecer espadim de aço. Aço de Toledo – gracejou Juana para descontraí-lo, deitando-se ao lado dele e tomando a iniciativa.

Juanito gostou da brincadeira da espada e da bainha. Dependesse só dele, passaria o tempo inteiro divertindo-se com aquele prazeroso jogo. Repetindo o folguedo quatro a cinco vezes por dia, consumiu o pouco de saúde que tinha. Meses depois caiu de cama – e da cama nunca mais se levantou.



Esperanças em barriga estrangeira

E agora, prestes a parir, Juana recordava com nostalgia aqueles dias. Acreditava ter desenvolvido certo... Não. O que experimentava não parecia tão profundo e arrebatado quanto o sentimento descrito nos romances de cavalaria. De todo modo, não havia como negar: era uma coisa boa de sentir. Afeição, talvez fosse a palavra mais apropriada. Isso. Sentia certa afeição pelo marido. Pena que algo lhe dizia que *Juanito* não estava mais entre os vivos.

Indícios não faltavam. Desde três meses antes, quando o príncipe-herdeiro adoecera, haviam transferido ela, a princesa, para a ala privada da sogra, a rainha. Mesmo assim, embora nunca permitindo que ficassem sozinhos, consentiam que visitasse *Juanito* duas vezes por dia. Não obstante, a partir do Ano-Novo, alegando seu avançado estado de gravidez, as autorizações de visita foram repentinamente suspensas.

– Acho que *Juanito* morreu – pensou em voz alta, caminhando a passo pesado pela alcova, para aliviar os incômodos do barrigão de quase nove meses.

Dona Maria D'Eça, a camareira-mor da rainha, ali colocada como cão de guarda da parturiente, franziu o cenho e tirou

vacilante os olhos do bordado. Recebera ordens categóricas para não deixar transparecer seu sentimento de pesar pela morte do príncipe.

– Dissestes alguma cousa, Alteza?

– Parece-me que *Juanito* morreu – repetiu a princesa, mecanicamente.

– Tolices, Dona Juana. Sua Alteza está apenas acamado, coitadinho. Foi sempre *fraquito*, o nosso príncipe. – E mudando de assunto para disfarçar o constrangimento: – E o nosso nenê aí, dando os seus pontapés, como sempre?

Poucos dias depois, no início da noite de 19 de janeiro, as contrações começaram. Começaram e foram se sucedendo a intervalos cada vez menores de tempo. Agora, já não adiantava caminhar, deitar ou mudar de posição. Eram cólicas terríveis, que nasciam na parte baixa das costas e, aos poucos, iam estendendo seus tentáculos em direção ao abdômen.

O *Paço* mandou distribuir esmolas e enviou emissários aos mosteiros pedindo preces. Por ordem do arcebispo, o sino grande da Sé convocou os beatos e irmandades religiosas para uma vigília de orações. Tivesse a princesa-viúva complicações de parto, e, na eventualidade da morte de Dom João Terceiro, o imperador Carlos Quinto certamente reivindicaria a Coroa de Portugal para *Carlito*, o filho da finada Maria Manuela e de Felipe de Espanha, neto dele e do rei português. A expectativa de continuidade da Casa de Avis, as esperanças de independência de todo um povo, estavam depositadas na barriga da jovem princesa-viúva.

Não. Ninguém nunca foi tão *desejado* quanto ele.



Atendei-nos, Senhor!

O dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, amanheceu nublado em Lisboa. Fazia frio, mas um friozinho gostoso e de pouco vento. Envoltas em xales e remoendo rezas, as mulheres reavivavam as brasas das lareiras e fogões para enfrentar o novo dia. Portugal continuava em suspense. Nas igrejas e nos mosteiros, cochilando por sobre os rosários, engolindo frases inteiras das orações, os beatos repetiam suas monocórdicas súplicas a Deus.

Desde a madrugada, os lisboetas impacientes foram tomando o *Terreiro do Paço*, a grande praça em frente ao palácio da Ribeira. Uns cochichavam e esfregavam as mãos para espantar o frio. Outros desfiavam o terço, parecendo muito contritos em suas orações. Mas todos queriam ter o que contar, logo mais e até o fim da vida. *Eu estava lá naquele dia!* – diriam.

Onze horas haviam se passado desde os primeiros sintomas. Lavada em suor, a princesa Juana começou a sentir tremedeiras, ter ânsias de vômito, experimentar ondas de calor e em seguida de frio. As contrações intensas e dolorosas duravam agora de um minuto a um minuto e meio, com intervalos cada vez menores sem dor. Numa retração súbita e involuntária dos músculos, a bolsa rompeu-se e os lençóis encharcaram-se. Que

vergonha! Não demorou muito e, com uma terrível sensação de calor, um fogaréu pareceu acender-se-lhe na vagina.

– É a *coroação* – tranquilizou a parteira, enxugando-lhe a testa. – O nenê encaixou a cabeça. Está a caminho. Falta só um pouquinho agora, Alteza.

Não. Ninguém nunca foi tão *desejado* quanto ele – nem tão odiado pela mãe, nos momentos que lhe antecederam o nascimento.

O tanger dos sinos avisou da iminente saída da procissão. À frente, precedido pelo porta-cruz e ladeado por seus acólitos, Dom Henrique, o irmão do rei, desfila com solenidade sua mitra cardinalícia. Passo arrastado, velas acesas e entoando hinos, seguem-se as freiras e o longo cortejo, a reboque do rico pálio franjado em ouro, embaixo do qual repousa a relíquia mais venerada de todo o Reino: um osso do braço de São Sebastião¹.

E os fiéis vão recitando:

Onipotente e eterno Deus que, pela intercessão de São Sebastião, vosso glorioso mártir, encorajastes os cristãos encarcerados e livrastes cidades inteiras do contágio da peste, atendei as nossas humildes súplicas, socorrei-nos em nossas necessidades, aliviiai-nos das nossas angústias, reanimai os encarcerados, curai os doentes, livrai-nos do contágio. Pelos méritos de São Sebastião, atendei-nos, Senhor. Amém.

1. Relíquia roubada no saque a Roma, presenteada a Dom João por Carlos Quinto.

Só por volta das oito da manhã, um laçao esbaforido, vestindo a libré nas cores da Casa Real, finalmente apareceu numa das janelas do Paço e gritou a novidade, o mais alto que pôde.

– Descansou... Descansou... Varão!

Dona Juana de Áustria dera à luz um menino. A Coroa já tinha herdeiro. Um herdeiro varão. Sobrevivesse o recém-nascido, a continuidade da dinastia de Avis estaria assegurada. A independência de Portugal, garantida.

O povo entrou em êxtase. Vivas, gritos, palmas... As pessoas sorriam e se abraçavam a quem estivesse por perto, como a velhos amigos. Com entusiasmo infantil, repetiam de uns para outros os versinhos de Bandarra, o sapateiro morto nove anos antes, tido por profeta entre o povo.

*Quando perdida toda esperança,
Portugal terá bonança,
Com a vinda do Encoberto.*

Liderados pelo carrilhão da Sé, igreja após igreja, o alegre repicar dos sinos tratou de espalhar a boa-nova. No mar, os pescadores viraram a cana do leme e regressaram à praia. Indo e vindo dos chafarizes públicos, mulheres recordavam com espalhafato as dores e prazeres do ato de parir. Damas fidalgas se permitiram um relaxamento dos costumes e sorriam para suas criadas e negras da Guiné. Gentis-homens cumprimentavam-se com entusiasmo, prenunciando dias de glória para Portugal no porvir. As tavernas encheram mais cedo e o vinho corria à farta. Até os mendigos estavam contentes com a generosidade das esmolas. Só o rei parecia triste.

– Sua Graça, o Conde de Castanheira – anunciou com pompa e cerimônia o mordomo, abrindo a grande porta dos aposentos privados d’El-rei.

Passo decidido, cabelos grisalhos impecavelmente arrumados, bigodes frisados, mão estendida para o cumprimento, António de Ataíde, o Conde de Castanheira, acercou-se. O monarca levantou-se para recebê-lo.

– Meus melhores cumprimentos, Sereníssimo – falou com solenidade. – Vida longa para o vosso herdeiro!

Dom João emitiu um sorriso triste, logo percebido pelo antigo conselheiro, que rapidamente se recompôs e mudou de tom.

– Algum problema, Sereníssimo? Não é forte e saudável o nosso menino? A senhora Dona Juana não está passando bem?

– Minha nora passa bem, Castanheira. E a feição do *Desejado*, como diz o povo, é boa também.

– Pois então! Por que essa *tristura*? – e só agora atinando para a recente tragédia sofrida pelo amigo: – Meu Senhor ainda sofre muito com a perda do nosso querido príncipe. É isso, pois não?

O rei sorriu amarelo.

– Só quem já passou, sabe, ó Castanheira. A dor de perder um filho custa muito a sarar. Mas cá estou me acostumando. Perdi tantos... O problema...

Prescindindo de se fazer anunciar, Dona Catarina meteu-se porta adentro, chamando em tom autoritário o marido

para o batizado. Era o costume. Os recém-nascidos precisavam receber o sacramento do batismo o quanto antes, para, em caso de acontecer o pior, não morrerem pagãos, o que inviabilizaria sua entrada no Reino de Deus.

Castanheira voltou-se para a rainha, curvou o corpo, jogou a capa de pele para trás, flexionou a perna e moveu o braço com elegância, no cumprimento cerimonial.

– Aceitai minhas homenagens, Alteza. Vida longa para Dom Sebastião!

Catarina de Áustria que, desde que chegara a Portugal, vinte e nove anos antes, disputava com aquele conde a influência sobre o rei, agradeceu monossilábica e insistiu com o marido em castelhano:

– Nosso neto já está sendo levado para a capela. Apressa-te. Só estás a faltar tu, ó João.

Os nobres, fidalgos, todas as *gentes* de título que estavam na corte amontoaram-se na capela real para assistir ao batizado do pequeno príncipe.

Indiferente a tudo e a todos, aconchegado nos braços da camareira-mor da rainha, *o Desejado* dormia o sono dos justos. O cardeal-infante Dom Henrique ministrou o sacramento. Uma cerimônia simples, na qual foram padrinhos o próprio rei e o seu irmão Dom Luís, o duque de Beja. A madrinha foi Dona Catarina, a avó-rainha. O princepezinho só despertou quando lhe molharam a cabeça e passaram-lhe sal na boca. Abriu o berreiro então. As pessoas entreolharam-se com sorrisos aprovativos. Bom sinal. Dom Sebastião parecia mesmo um herdeiro saudável e de boa cepa!



Incesto real

Boa parte daquele dia, e dos dias seguintes, foi despendida por Dom João em atender às *gentes* da pequena nobreza e burgueses ricos, aspirantes à fidalguia. Todos queriam a chance de cumprimentar El-rei e desejar vida longa e boa sorte para o recém-nascido. Depois de tantas medidas, de tantos beijamentos, o *Piedoso*¹ nem percebia mais o que diziam. Em todo o caso, precisava dar mostras de contentamento. Aquela não era uma simples formalidade pelo nascimento de um príncipe. Significava mais. Era uma espécie de reconciliação entre um povo e o seu rei.

Onze anos antes, quando Dona Catarina convencera o marido a casar a filha Maria Manuela com o sobrinho dela, filho do rei espanhol, algumas vezes se haviam levantado e feito objeções. Nada, contudo, de grande monta. Até porque, se tudo corresse como esperado, a princesa portuguesa acabaria se tornando rainha de Espanha. Porém, tempos depois, tendo morrido de parto a Maria Manuela, chegada a hora de dar continuidade ao acordo, casando o príncipe-herdeiro de Portugal com a filha do rei espanhol, a oposição tornara-se barulhenta. Por todo o Reino só se falava naquilo. Até na *Feira do Rossio*, tavernas e beiras de cais discutia-se o risco potencial daquele

1. Alcunha de Dom João Terceiro.

enlace para a independência do país. E o povo português não fazia reservas. Deixava bem clara sua discordância.

– O povo, ora o povo! – irritara-se a rainha, defensora intransigente do acordo com o poderoso irmão. – Tu és rei ou o quê, ó João?

– Não é só o povo, *Catalina*, minha querida. Boa parte das mais de setenta famílias nobres também é contra. O Conselho...

– Ora o *Consejo*! Destitui esse *Consejo de mierda*! Nomeia outro.

– Tu sabes que não é assim, *Catalina*. Não seria boa política.

E a discussão conjugal continuara em diferentes seções, baixara e subira de tom, até que Dona Catarina fizera uso de uma arma infalível.

– Tu queres é me desmerecer. Humilhar-me perante os meus irmãos. Vou ser motivo de chacota nas cortes da Europa inteira. E para quê? Para agradar ao povo – e soletrou a palavra povo com desdém. – Essa choldra desgraçada, que queria que tu tomasses como esposa a tua madrasta. Essa gente degenerada, que quase te obriga a deitar-te com a mulher do teu próprio genitor!

Trazendo de volta aquelas tristes recordações, a rainha ganhara a parada. Na sequência, Dom João convocara o Conselho e bateu o pé. Refletira longamente e resolvera: o príncipe João Manuel iria mesmo casar-se com Juana de Áustria, a filha de Carlos Quinto. Não queria mais discussões a respeito. Estava decidido.

António de Ataíde, o Conde de Castanheira, amigo do rei há décadas e membro proeminente do Conselho, tentou por todos os meios fazer Sua Alteza entender que a discordância

do povo não era gratuita. Tinha razão de ser. Fundamento. Ponderou que os laços com a casa real de Castela já eram suficientemente enredados, a ponto de três, das últimas quatro rainhas de Portugal, serem todas castelhanas.

– Uma aliança matrimonial com a França ou com a Inglaterra, se o Sereníssimo me permite – insistira o conde –, seria bem mais proveitosa para o Reino.

Argumentou que, desde que o rei de Espanha se tornara também o imperador romano-germânico, os vizinhos castelhanos estavam mais fortes do que nunca. Que o mais sensato, portanto, seria estreitar os laços de Portugal com a Inglaterra ou com a França. Insistiu que Carlos Quinto tinha exércitos poderosíssimos e um neto, o filho espanhol da finada Maria Manuela, com prerrogativas de reivindicar a Coroa portuguesa.

– É cá meu neto, também – contrapusera de mau humor El-rei.

– Naturalmente que sim, Sereníssimo – arrematara Castanheira. – Mas é espanhol. E no fundo, é isso o que incomoda a toda a gente. Acabar tendo um espanhol como rei, é o que o nosso povo mais teme.

– O povo. Ora o povo! – repetira o rei as palavras da sua rainha. – Trata-se da felicidade do meu filho, Castanheira! O meu filho, se é que me entende.

– Vossa Alteza parece esquecer-se – rebatera o conde sem conseguir disfarçar o tom de censura – que a pessoa do infante Dom João Manuel é tesouro público.

Vieram então à mente d’El-rei as ocorrências de trinta e um anos antes, que Dona Catarina havia lhe despertado na lembrança.



Quando Dom Manuel, pai de Dom João, morreu, deixara como viúva de seu terceiro matrimônio a jovem rainha Leonor. Em deslumbramento com o poder propiciado pela recente coroa, tentados pela intimidade de viverem juntos na ala residencial do palácio, o jovem rei João, de dezenove anos, e a fogosa madrasta de vinte e quatro acabaram dando asas às fantasias e se envolvendo. Resultado: Leonor engravidara do enteado, criando uma situação que tinha tudo para se transformar em rumoroso escândalo.

Tiveram então a ideia de plantar na cabeça dos súditos, de forma subliminar, o que parecia uma saída honrosa. Alegando o estado de dificuldades financeiras do Reino, e a necessidade de economizar com as despesas de contratação de uma esposa para o novo rei, o povo e alguns membros da nobreza – o Conde de Castanheira, inclusive – foram induzidos a pressionar Dom João a casar-se com a madrasta, a jovem rainha-viúva.

O Duque de Bragança... os magistrados... o Senado de Lisboa... o populacho... todos pareciam aprovar o incestuoso enlace. Pena que, consultado officiosamente, o Papa tivesse deixado claro que não concederia as devidas *dispensas de afinidade*, pondo fim ao plano dos amantes.

Logo não daria mais para disfarçar a gravidez. Era preciso colocar o imperador Carlos Quinto a par do delicado problema que, afinal de contas, ameaçava a reputação da dinastia dos Habsburgo da Áustria, a mais poderosa família do mundo.

– Deus do céu! Que loucura fizemos, ó Leonor. Que loucura! – desesperara-se o jovem rei, receoso das consequências.

– Loucura sim. Mas quando estavas no bem-bom, tu não achavas.

– Ora, Leonor, tu sabes muito bem que a culpa é tua.

– O quê? Culpa minha!

– Decerto que sim, ó Leonor! Se não tivesses experimentado gozo na relação, não terias emitido o sêmen feminino. Não haveria prenhez se o sêmen masculino e o feminino não se encontrassem.

– Sei... Pensas, por acaso, que sou puta, que nem sentir gozo pode? – e irritada com a poltronice do amante: – Tu és mesmo um *bestiola*, ó João. Um *cagueta*. Dana-te tu! Deixa que escrevo para o Carlos. Conto tudo. Carlos, o bom Carlos, haverá de dar um jeito.

– Teu irmão é capaz de... de declarar-me guerra, isso sim!

– Bem que merecias. – E caminhara nervosamente de um lado para o outro da alcova: – Mas quê! O Carlos? Não creio. Então não teve ele uma filha com Dona Germana, a viúva do nosso avô?! Haverá de compreender o problema. Anda, João, não há tempo a perder. Trata de arranjar-me um mensageiro a mata-cavalos. Escrevo para o Carlos agora mesmo.



Quebra-cabeça matrimonial

No verdor dos seus vinte e poucos anos, num primeiro momento, o todo-poderoso imperador Carlos Quinto divertiu-se com a peraltice da irmã mais velha. Tardou pouco, todavia, a tomar consciência da gravidade do problema. Haver se tornado público, alguns anos antes, a filha que ele próprio tivera com a viúva do avô Fernando, *o Católico*, já fora por demais embaraçoso. Um novo escândalo na família teria desastrosa repercussão. Até porque, agora, como grão-senhor do Sacroimpério Romano-Germânico, ele jurara solenemente defender a fé, o Evangelho e as tradições da Igreja de Roma. Daí, afligir-se tanto com os muçulmanos turcos que, dos Bálcãs ao Mediterrâneo, ameaçavam a Europa. Para não falar da cisão da Igreja, que aquele tal de Lutero andava pregando. Não podia se permitir um novo escândalo. Era imperioso encontrar uma saída honrosa para o problema da irmã.

O jovem imperador mandou selar seu corcel favorito, dispensou os porta-estandartes, escudeiros, guardas, e disparou pelas veredas da floresta em volta de Valladolid. Na hora de tomar decisões importantes, a solidão se mostrara sempre sua melhor conselheira. Conforme lhe ensinara seu mestre favorito, Erasmo de Roterdã, não existia problema, por grande que fosse, que não tivesse solução. O segredo era dividir a equação por partes e resolver cada fração isoladamente, sem perder de vista a equação como um todo. Ponderou então:

A irmã mais velha, Leonor, rainha-viúva de Portugal, estava grávida do enteado. Era fato consumado e um aborto estava fora de cogitação. Como guardião do Evangelho, ele não se sentia à vontade para tentar impedir que, mesmo uma jovem e bela rainha, fosse obrigada, por dez anos, a vestir-se com o cilício – a túnica de crina, preconizada pela Igreja, como penitência, para casos de aborto.

O novo rei de Portugal, que lhe engravidara a irmã, era solteiro. Entretanto, o recém-coroadado papa Adriano Sexto, nascido nos Países Baixos, que fora tutor dele na adolescência e autoridade máxima da Santa Inquisição na Espanha, era incorruptível. Aliás, fora eleito papa exatamente para tentar pôr fim à corrupção da Igreja Romana, motivo e fermento da insurreição de Lutero. Não convinha a Carlos interceder junto ao papa, para que o rei português pudesse vir a se casar com Leonor. Felizmente, ele tinha uma irmã mais nova, Catarina, em idade de encontrar marido.

Por outro lado, Francisco Primeiro, rei de França, seu competidor pela Coroa do Sacroimpério Romano-Germânico, e, perdedor, transformado em inimigo figadal, era jovem e viúvo. Melhor ainda: na Batalha de Pávia fora feito prisioneiro e encontrava-se sob custódia do exército imperial em Madri.

E alguém não já lhe dissera que o rei de Portugal tinha, igualmente, uma irmã muito bonita em idade de contratar matrimônio? Salvo erro, prometida a ele, Carlos, pelo rei português anterior, o finado *Venturoso*¹?

1. Dom Manuel Primeiro, alcunhado o *Venturoso* por, durante o seu reinado, Portugal ter descoberto o caminho marítimo para as especiarias das Índias e, entre outras, as vastas Terras do Brasil.

Se conseguisse encontrar um denominador comum...

Lembrou-se de uma frase que o mestre Erasmo lhe dissera certa vez: “*Com medo, nunca se sustém por muito tempo o senhorio.*” Assim, à beira de um regato, mastigando um talo de palha, Carlos Quinto analisou cada parte do problema, engendrou uma estratégia ousada e, de retorno ao castelo, começou a pôr em prática as quatro fases do plano.

Num primeiro momento, com todas as honras merecidas pela viúva do *Venturoso*, Dona Leonor retirou-se oficialmente de Portugal e retornou ao seio da família. Em Castela, sob o manto da tristeza de viúva, foi mandada para um mosteiro remoto para concluir a gravidez e parir, em segredo, o filho bastardo.

Passo seguinte, em troca da liberdade, o rei de França acabou aceitando o acordo que lhe fora proposto. A condição seria retirar suas pretensões sobre a Itália e a Borgonha. Em seguida, casar-se com Dona Leonor, a rainha-viúva de Portugal e irmã de Carlos Quinto, como forma de coroar um tratado de paz entre a França e o Sacroimpério Romano-Germânico.

Ao jovem Dom João de Portugal foi dada como esposa Catarina, a irmã mais nova do Imperador. Com isso, o monarca português não apenas ficava eterno devedor de Carlos, como granjeava a valiosa reputação de exemplo de moralidade e virtude, por haver se oposto ao incesto tão desejado pelos seus súditos.

Para rematar o arranjo, Carlos Quinto tomou por esposa Isabel, a irmã do rei de Portugal. E a título de indenização pelos transtornos causados pela fornicação com Leonor, Dom João concordou em pagar ao imperador, a título de dote da irmã

Isabel, a extraordinária quantia de novecentos mil dobrões de ouro². Um dinheiro que vinha bem a calhar para quem, como Carlos Quinto, vivia quase permanentemente em guerra e pendurado em dívidas.

2. O equivalente a cerca de 4,7 toneladas ou 4.700 quilos de ouro.



Amigos? Fazem-se bem poucos

F*ilho da puta astucioso!* – ainda reconhecia Dom João, na reunião do Conselho Real, trinta e um anos depois. – *Ah, tivesse eu metade da esperteza do Carlos!* E a lembrança do brilhantismo do cunhado exacerbou-lhe o ânimo.

– O que dissestes mesmo, ó Castanheira? – pediu confirmação, como se não houvesse escutado direito.

– O que toda gente sabe, Sereníssimo. Que a nobre pessoa do príncipe João Manuel é patrimônio do Estado. Tesouro público.

– Tesouro público... Do povo que queria que eu me deitasse com a mulher do meu pai! – e passou uma descompostura no velho amigo que, à época, sem se dar conta, fora usado como fomentador da ideia de incesto real.

Ferido na vaidade, acreditando poder contar com a solidariedade de alguns dos outros membros do Conselho, Castanheira ensaiou um ato de rebeldia. Ameaçou renunciar à posição de conselheiro e de vedor da Fazenda, cargo que ocupava fazia vinte e dois anos.

Dom João esmurrou a mesa, prontamente aceitou a renúncia, empurrou a poltrona para trás e abandonou o *Salão do Conselho*.



A amizade entre Dom João Terceiro e o velho companheiro de juventude trincara desde então. Castanheira parara de frequentar a corte e mudara-se para a sua quinta em Alenquer. Estava muito rico, conhecia o funcionamento da máquina do Estado como ninguém, e, por quase quarenta anos, privara da intimidade do soberano o suficiente para acreditar que não sofreria represálias. E ainda que viessem retaliações... Julgava poder contar com o povo. Cuidara de fazer circular as razões do seu desentendimento com El-rei.

O príncipe João Manuel efetivamente se casou com a filha de Carlos Quinto e, de tanto que se exercitou, teve a sorte de engravidar a esposa em apenas quatro meses. A má vontade dos portugueses arrefeceu. Nascesse um menino e Portugal teria não apenas um herdeiro legítimo, mas, igualmente, um pretendente à Coroa de Espanha. O quarto pretendente na linha de sucessão!

Só quando da morte do príncipe João Manuel, Castanheira sentira-se obrigado a voltar à corte e externar seu pesar ao soberano. Fora um encontro carregado de emoção. Tinham sido amigos por décadas... Vivenciado situações embaraçosas e travessuras juvenis... Compartilhado segredos, tristezas, alegrias... Existia entre eles, enfim, um nível de cumplicidade que só as relações muito antigas conseguem cimentar.

Dom João descobrira então que, quando se é rei, amigos existem à farta; mas amigos a quem se pode confiar, principal-

mente nas horas difíceis, fazem-se bem poucos no espaço de uma vida. E novamente agora, três semanas depois da morte do filho, com a nova visita do velho amigo, para cumprimentá-lo pelo nascimento do neto, estava a testar essa assertiva.

– Quem sabe disso, Sereníssimo? – questionou Castanheira, ainda transtornado com a história que acabara de ouvir da boca d’El-rei. – Dona Juana? Dona Catarina? Dom Luís? Dom Henrique, talvez... Quem mais sabe?

– Minha nora não deve saber. Meus irmãos também não. *Catalina* sabe. Dona D’Eça mostrou a ela e foi *Catalina* que me mostrou. – E em tom de quem busca aprovação: – Prometi à camareira da minha mulher uma boa tença, se ninguém mais viesse a conhecer o fato.

– Ótimo. Fez muito bem.

O Conde de Castanheira, ex-vedor da Fazenda e, a acreditar-se no que diziam na corte, o homem que, por anos e anos, mandara no rei, fixou pela janela a vista no *Mar de Palha*, o estuário azul do Rio Tejo, que ondulava ao sabor do vento frio de janeiro.

Estariam os céus enviando alguma advertência, para ocorrerem tantos infortúnios naquela casa real? Ou seriam as pragas rogadas pelas feiticeiras e hereges queimados nas fogueiras do Santo Ofício?

Tolices. O que precisava era agir. E rapidamente. A espionagem de Carlos Quinto, vez ou outra, talvez ainda dormisse no travesseiro fronteiro ao do rei. Fosse aquele assunto ventilado, e o sonho de manter a independência de Portugal estaria por um fio. Ah, como ele odiava aqueles vizinhos grandalhões, que desde sempre deitavam olhos gulosos sobre o seu país! Como

tinha ganas de poder desdenhar, submeter, humilhar Carlos Quinto, Dona Catarina e toda aquela gente!

Nosso Senhor Deus há de me conceder. Não morro sem dobrar a soberba desses castelhanos de uma figa – prometeu-se.

– Se é mesmo como Vossa Alteza diz – comentou em tom grave, depois de alguns segundos de reflexão –, seria bom consultarmos um *mestre-físico*. Deve haver algo que possa ser feito.

– Já pensei nisso, meu amigo. Mas... quem? A quem podemos confiar um assunto tão... tão delicado quanto esse?

– Estava cá a pensar no João Rodrigues.

– Aquele que cuidou de mim, quando sofria com aquelas dores terríveis para verter água?

O conde confirmou com um gesto suave de cabeça.

– Será? Creio que não. Alguém me disse que ele havia fugido do Reino.

– Fugiu sim. Pelo que soube, até mudou de nome. Mas, se ainda for vivo, em alguma parte deve estar. Se Vossa Alteza me autoriza, tento encontrá-lo para avaliar esse... assunto.

